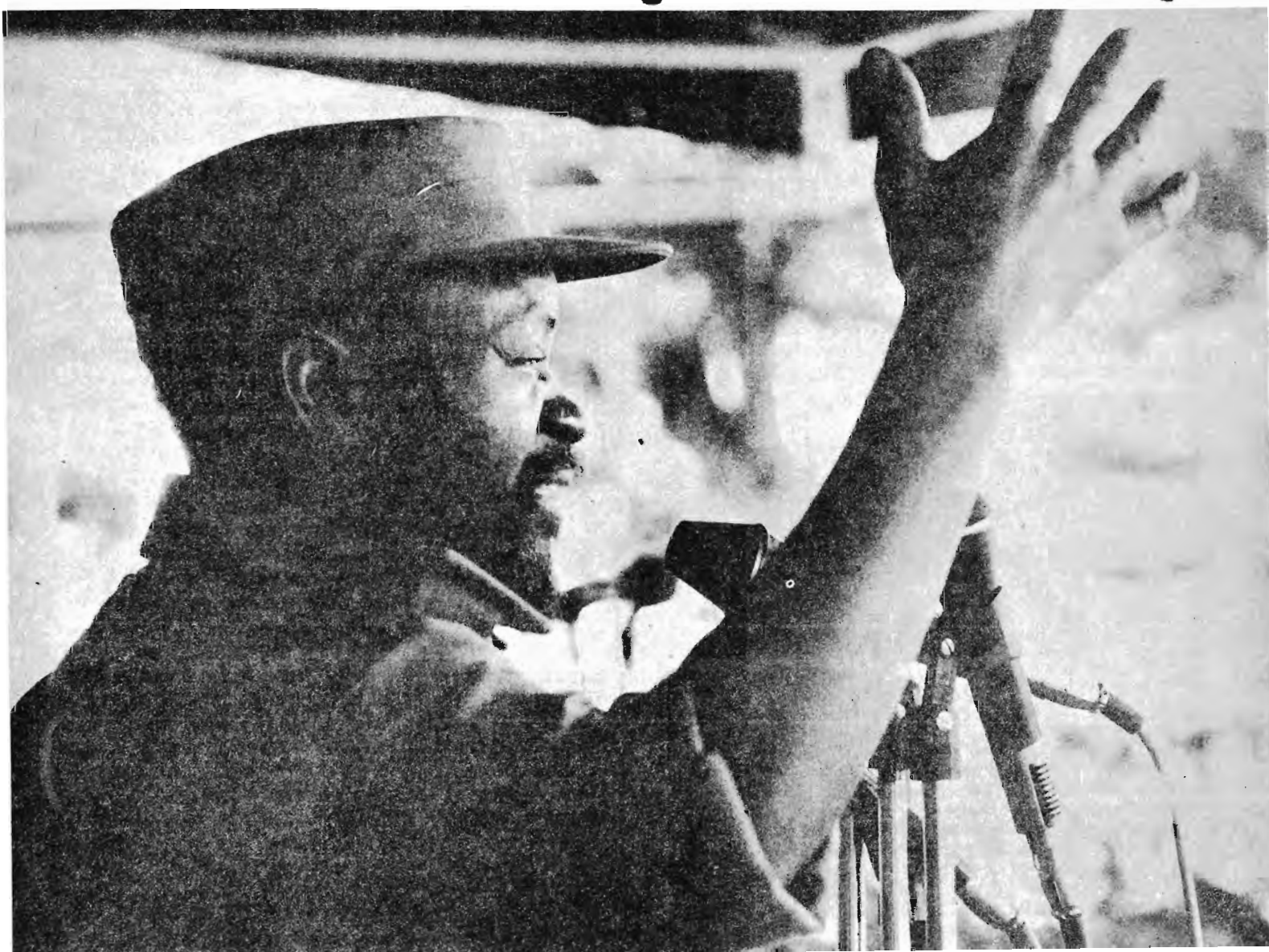


DESTACÁVEL

Partido responde à vontade popular
**Corrigir erros e desvios
radicalizar a revolução**

● Decisões do IV Congresso transmitidas à Nação



Para transmitir à Nação as orientações, decisões e tarefas definidas pelo IV Congresso, o Presidente Samora Machel orientou na Praça da Independência, em Maputo, no passado dia 21, um comício que foi como que um prolongamento do 1.º de Maio, «porque não terminámos o programa de trabalho que tínhamos definido para esse momento».

Na ocasião, o Presidente Samora Machel anunciou a remodelação nos quatro ministérios que garantem a soberania (Defesa Nacional, Interior, Segurança e Justiça), alterações estru-

turais nos ministérios da área económica, descentralização e afectação de quadros dirigentes em centros de produção estratégicos e de veteranos da Luta de Libertação Nacional em ministérios, entre outras medidas.

Publicamos, a seguir, as partes do texto em que são definidas as medidas com efeitos imediatos, algumas das quais já começaram a ser executadas, reservando para publicação em edição extra da TEMPO o discurso integral proferido no dia 21 de Maio pelo Presidente Samora Machel.

Estas mudanças, estas transformações pagam-se.

Um homem, que trabalhava com enxada de cabo curto, que nunca teve uma bicicleta, torna-se tractorista. O tractor tem um motor. O tractor tem sistema eléctrico. O tractor tem sistemas hidráulicos. Não tem só volante e acelerador. Tem regras para funcionar. Mas esse homem passou da enxada para o tractor, sem ter tido ocasião de conhecer e assumir as regras de manutenção. Por isso destrói a autocombinada, destrói o tractor em menos de seis meses, destrói o camião.

A independência trouxe para a maioria dos moçambicanos uma profunda transformação da sua vida. Os delegados ao IV Congresso sublinharam várias vezes os reflexos que têm na nossa sociedade as marcas do subdesenvolvimento que o colonialismo nos deixou.

TRANSIÇÃO DO CAMPO PARA A CIDADE E ADAPTAÇÃO TECNOLÓGICA

Já falámos muitas vezes do subdesenvolvimento económico, mas há outras coisas que foram ditas no Congresso. Estamos-nos a lembrar do subdesenvolvimento cultural, dos problemas que nascem da mudança do campo para a cidade, da machamba individual para a empresa estatal,



«Os delegados sublinharam várias vezes os reflexos que têm na nossa sociedade as marcas do subdesenvolvimento que o colonialismo nos deixou»



«Um homem que trabalhava com enxada de cabo curto, que nunca teve uma bicicleta, torna-se tractorista»

para a fábrica, para a repartição, para a escola, para o hospital.

Estas mudanças, estas transformações, meus amigos, pagam-se. Um homem trabalhava com a enxada de cabo curto e nunca teve uma bicicleta. De repente, ele torna-se tractorista. Quanto tempo vai durar esse tractor? O tractor tem um motor, a enxada não tem. O tractor tem um sistema eléctrico, o tractor tem sistema hidráulico, não tem só o volante e o acelerador. Tem regras para funcionar. Mas este homem passou da enxada para o tractor, sem ter tido ocasião de conhecer e assumir as regras de manutenção. Por isso destrói automaticamente uma autocombinada, destrói um tractor em menos de seis meses, e só porque não verificou óleo, só porque não pôs água. Ele não sabe, porque a enxada não precisa de óleo, não precisa da água.

Da enxada ele sabe tratar, sabe onde guardá-la quando vem do serviço. Mas da máquina não sabe tratar, deixa ficar em qualquer sítio, não a sabe tratar e por isso não dura sequer seis meses.

Uma pessoa vivia numa palhota, com fogueira lá dentro, sem janela, com uma porta de caniço, baixinha, que é preciso curvar ou ajoelhar para entrar.

Conquistámos a cidade, conquistámos o pré-

dio. Agora ele vive no 12.º andar. O prédio tem um passeio, uma entrada, um elevador, tem janelas de vidro, persianas, tem portas dentro da casa, tem electricidade, tem armários na parede, tem soalho, tem louça sanitária, tem canalizações, tem fossas sépticas.

Esta pessoa estava habituada a pilar no quintal. Fizemos uma grande campanha para que não trouxessem pilões para dentro da casa. O prédio está calculado para suportar um determinado peso. Alguns prédios hoje têm o soalho deslocado, buracos no cimento, paredes rachadas, vidros e sanitas partidos por causa da batida do pilão. Outros vêm pilar no passeio, esburacando e destruindo o passeio.

Na palhota, o armário para guardar o cobertor, a capulana, a blusa, o lenço de cabeça é a corda esticada. Quando chega ao prédio, não considera o armário. Põe dois pregos na parede para esticar a corda dentro do apartamento e, na varanda da frente do prédio, põe toda a roupa a secar, incluindo a mais íntima.

Na palhota, era um candeeiro de petróleo que iluminava. No prédio, há interruptor. Re-bentar o interruptor não constitui problema. Ficar sem luz dentro da casa e voltar a pôr uma lamparina de petróleo que suja as paredes, não constitui problema.

Na palhota, uma lata furada, com água escorre para o chão, que é de terra. No prédio, a água que vaza, estraga o soalho, estraga as paredes, incomoda o vizinho, estraga a casa do vizinho. Pior ainda, pode fazer com que falte água no prédio. Forma charcos que reproduzem mosquitos e provocam malária.

No campo, lava-se a boca andando, com «mulala», cuspiendo no chão. Cuspir no chão é



«Alguns prédios hoje têm o soalho deslocado, buracos no cimento, paredes rachadas, vidros e sanitas partidos por causa da batida do pilão»

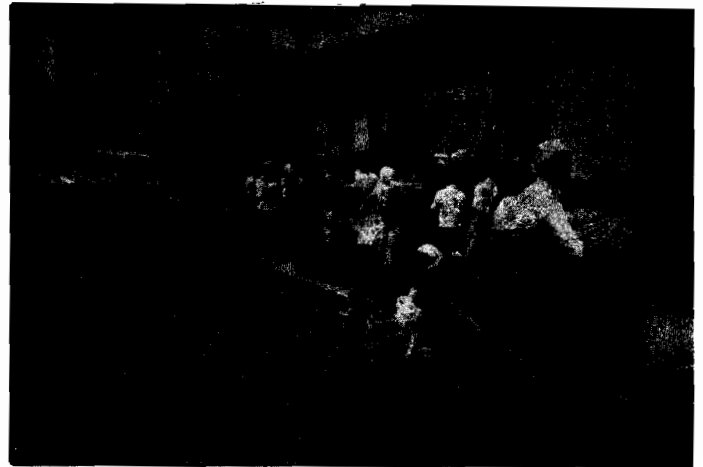
vulgar na povoação, na machamba. Cuspir do 10.º andar para a rua é outra coisa. Cuspir no machimbombo, no restaurante, no passeio, é porcaria e provoca doenças.

Urinar junto da mangueira na povoação e fazê-lo na 24 de Julho; encostado a uma árvore ou a um prédio, é muito diferente.

Fazer tranças no quintal é normal no campo. Mas fazê-lo na varanda virada para o público ou sentada no passeio, nos jardins, nos parques, nos miradouros, na escola, no hospital à espera da consulta, na paragem do machimbombo, é falta de sentido de intimidade.

Quando se vai da casa para a machamba, sentar-se à sombra da árvore, é diferente de se sentar ou pior ainda, de se deitar no passeio da cidade. É também falta de civismo sentar-se no muro, deitar-se no muro. Reflecte falta de aprumo e civismo. Há bancos nos jardins para se sentar. Também deve haver bancos na rua para se sentar. Mas o jardim ou miradouro não são para dormir.

Assistimos a tudo isso nas nossas cidades.



«Trazemos os nossos familiares para a cidade para consumirem, para irem à bicha»

Por isso as nossas cidades estão sujas. E não vemos que estão sujas. Trata-se de uma questão cultural.

Na povoação, haver capim a dez metros da casa é normal. Mas na cidade, continuamos a considerar normal haver capim diante do prédio. Mais: aproveitamos esse capim diante do prédio para fazer lixeira e latrina.

Na povoação, todos têm tarefa. O homem tem tarefa, a mulher tem tarefa, a criança tem tarefa.

Na cidade, ficam em casa, no prédio. Só descem para ir à bicha. Trazemos os nossos familiares para a cidade, para consumirem, para irem à bicha. Nós próprios é que encorajamos os nossos familiares a virem para a cidade. Nós próprios é que lhes dizemos que na cidade é que é bom viver, que na cidade há de tudo.

São estes desajustamentos, estes desequilíbrios que abrem as portas à marginalidade, à destruição do tecido ético e moral.



«Foi referido pelos vários delegados que os cafés estão sempre cheios de pessoas que nada fazem; que nas bichas encontram-se pessoas cujo unico emprego é bichar; que nos cinemas, vimos centenas de pessoas que não trabalham mas que arranjam dinheiro para comprar o bilhete (...)»

Como? A ociosidade, dizemos sempre, é a mãe de todos os vícios, é a triste conselheira da humanidade.

MARGINALIDADE PARASITISMO DEGRADAÇÃO MORAL

As pessoas não têm tarefa. Outras são desempregadas ou vivem de expediente.

Os delegados deram grande importância ao problema da marginalidade.

Foi referido pelos vários delegados: que os cafés estão sempre cheios de pessoas que nada fazem; que nas bichas encontram-se pessoas cujo único emprego é bichar; que nos cinemas, vemos centenas de pessoas que não trabalham mas que arranjam dinheiro para comprar o bilhete. que

as lojas estão permanentemente cheias de pessoas desempregadas, que para lá vão comprar mercadorias para as revenderem a preços especulativos; que nos prédios das nossas cidades habitam marginais, uns sem pagar as rendas, outros sem sabermos como arranjam meios para o fazer; que nos nossos bairros, as nossas casas são assaltadas enquanto trabalhamos, e, quando o ladrão é apanhado, geralmente verifica-se que é alguém que não trabalha.

É estranho que todos estes marginais que acabámos de referir, vestem bem, têm abastecimento, frequentam os bares, enchem os cinemas, têm alojamento.

Alguns até têm carro e mudam de carro com frequência.

A mensagem do povo que os delegados trouxeram ao Congresso foi: De onde vêm estes marginais? Como é que se engrossam as suas fileiras? De onde vêm os seus meios? O que é que o Governo faz para, por exemplo, na Cidade de Maputo, travar a entrada diária de centenas de pessoas que vêm do campo para aqui residir sem trabalho?

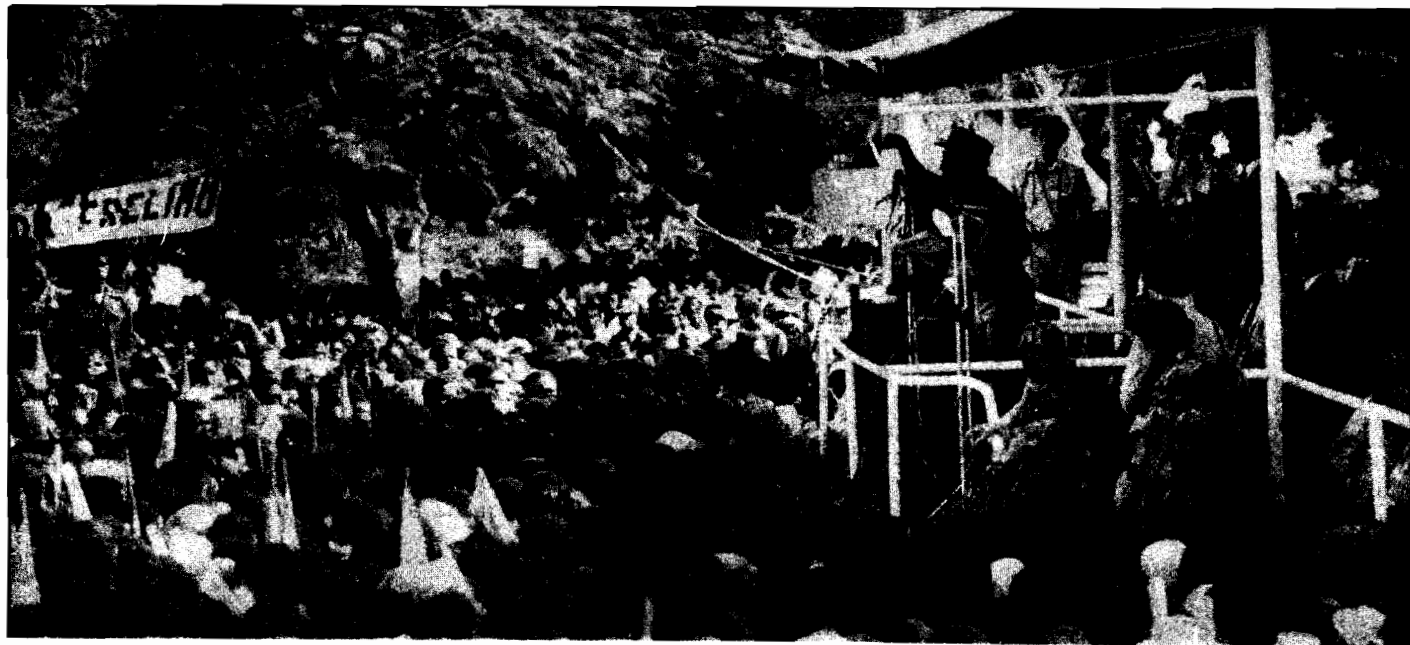
São pessoas que não têm emprego garantido; são pessoas que vêm desorganizar completamente a vida das cidades; são pessoas que para sobreviver têm de entrar na especulação, na candonga, no roubo, no assalto à mão armada, na prostituição e, muitas vezes, no assassinato.

São pessoas que não produzem, só consomem. Semeiam a intranquilidade, o pânico, reduzem o abastecimento planificado. São um factor de dissolução, isto é, destruição dos costumes, da moral e ética. São um factor de desestabilização dos lares.

São agentes potenciais do inimigo.

É no seio destes que o inimigo recruta os

«Cada um de nós, individual e colectivamente, é responsável por esta sociedade»



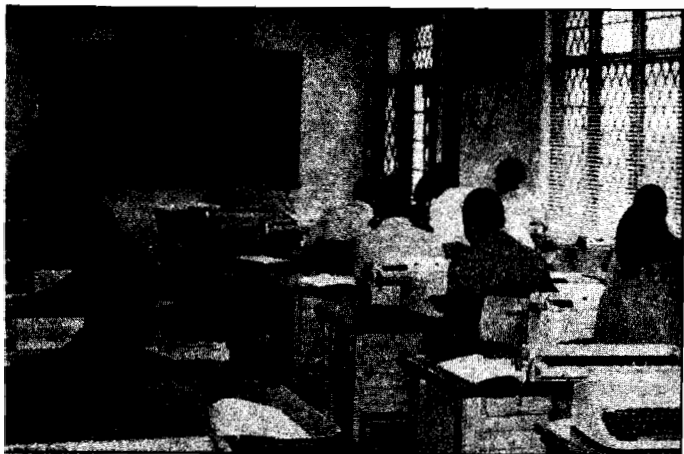
seus agentes para difundir boatos, lançar calúnias, espalhar a intriga, criar a insegurança e a intranquilidade.

Perguntaram: o que é que o Governo faz? Essa condescendência será porque os dirigentes são os primeiros a trazer os seus familiares para as cidades?

Os delegados denunciaram a semiprostituição em jovens, nomeadamente com candongueiros e estrangeiros.

Muitas dessas meninas são estudantes. Um estudante, quando sai das aulas, tem exercícios para fazer, tem lições para estudar. Se os pais, os encarregados de educação não são exigentes, é fácil a essa jovem ir vadiar. Deixa-se corromper por um par de sapatos, de sandálias da Interfranca, por uns «blue-jeans» ou camiseta da moda ocidental; pelo último disco que apareceu em Roma ou Paris. Deixa-se corromper por alguns trocos em divisas.

Se os pais, se os encarregados de educação não têm a preocupação e a exigência de perguntar à filha «como arranjuste esses sapatos.

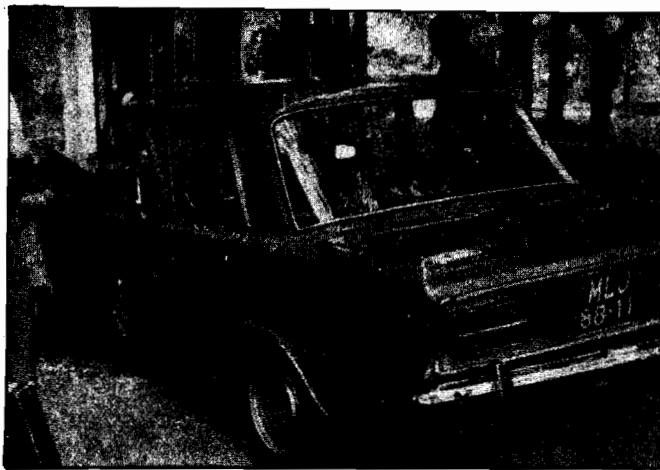


«Quando um dactilógrafo é incapaz não se demite. Contrata-se um outro dactilógrafo ou transfere-se para outro serviço»

esse disco», quem vai impedir que essa menina se corrompa, se prostitua?

Estes indivíduos que corrompem os jovens não são os únicos responsáveis pela degradação moral. Devemos tomar medidas contra eles. Mas não podemos esquecer que a responsabilidade primeira pela preservação da moral, da ética, está na família.

No exame destes problemas, o povo afirmou que os marginais, vadios, delinquentes jovens, semiprostitutas, pequenos ladrões, não são órfãos, não vivem sozinhos. Têm família. No debate que houve, concluiu-se: temos que falar com os pais desses jovens! Quando vemos que a casa de um estrangeiro ou de um moçambicano se transforma em local de corrupção, de orgias, temos que falar com esse estrangeiro ou esse moçambicano. Temos que levantar o problema na Comissão de Moradores, no Grupo Dinamizador. Temos que levar a questão à esquadra.



«Quando um motorista destrói um carro, recebe outro novo. Não é punido. Não paga os prejuízos. Continua a receber o seu salário»

Cada um de nós, individual e colectivamente, é responsável por esta sociedade.

DENÚNCIA DA ANARQUIA DA CANDONGA E DA PASSIVIDADE DO GOVERNO

Os delegados disseram:

Há trabalhadores que todos os dias chegam ao serviço com 30 minutos de atraso. Ao fim do mês faltaram 12 horas. Ao fim do ano faltaram 20 dias. Quando chega a hora de sair, são os primeiros. Mas recebem o seu salário inteiro. Não são punidos.

Um trabalhador falta uma semana. Falta um mês e recebe como se tivesse trabalhado todos os dias. Chega-se a faltar três meses e a receber o vencimento por inteiro.

Quando uma dactilógrafa é incapaz não se demite. Contrata-se uma outra dactilógrafa ou transfere-se para outro serviço. Passamos a pagar dois salários pelo trabalho que não é realizado.

Quando um motorista destrói um carro, recebe outro novo. Não é punido. Não paga os prejuízos. Continua a receber o seu salário.

O Estado socialista liquida o desemprego. Exige que todos trabalhem, todos produzam, todos contribuam. Mas ao nível do nosso Governo deturpam-se na prática estes princípios justos. Qual é a deturpação? Não se despediu o incompetente, não se despediu o preguiçoso, não se despediu o desleixado, não se despediu o ladrão, para não criar desemprego. Isto é um desvio populista. É não utilizar o martelo. O Estado fica então com obrigações em relação às pessoas, mas as pessoas não têm obrigações em relação ao Estado, em relação à sociedade. Desresponsabiliza-se o cidadão.

Comprámos uma centena de táxis. Onde estão? Ninguém responde por isto. Mas todos sabem que os táxis foram destruídos por aqueles que os conduziam.

O trabalhador alcoólico, indisciplinado, destrói a máquina e paralisa a fábrica, para atrasar

a vitória contra a miséria. Nunca ouvimos dizer que tivesse sido julgado, condenado.

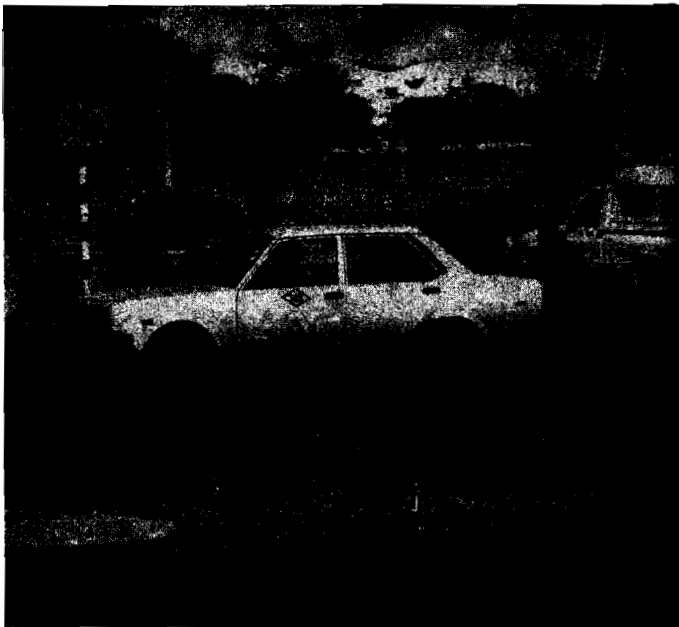
Queimam produtos, queimam matérias-primas, destroem máquinas. Mas o Governo não toma medidas.

Um condutor bêbado atropela e mata uma criança e é condenado apenas a dois anos de prisão.

Há ladrões, especuladores, açambarcadores, candongueiros, assassinos. Estão ligados com o inimigo no exterior. São conhecidos.

Os delegados disseram: os produtos que tanto nos custa adquirir, como leite em pó para as nossas crianças, as bolachas, ferros eléctricos, os rádios «Xirico», electrodomésticos, antes de aparecerem nas cooperativas e nas lojas já estão a ser vendidos na candonga. Quem os levou para lá?

Produtos que só são produzidos em empre-



«Comprámos uma centena de táxis. Onde estão? Ninguém responde por isso. Mas todos sabem que os táxis foram destruídos por aqueles que os conduziam»

sas estatais estão na candonga. Produtos que são totalmente entregues ao sistema de abastecimento, aparecem na candonga. Quem os desvia?

Os ladrões, os especuladores, açambarcadores e candongueiros estão nas fábricas, nos armazéns, nos portos, nas repartições, nos serviços, estão nos governos dos distritos, das províncias, nos Ministérios. O Governo coexiste com eles, não os denuncia. Não são punidos. Não são desalojados.

O Estado paga hospedeiras, paga pilotos, compra aviões, camiões-frigoríficos, estes meios que são do povo, são utilizados para o contrabando. Estas situações são denunciadas e não se tomam medidas. Em Angola, prenderam três pilotos, que eram contrabandistas de diamantes.

Os produtos são trazidos nos nossos aviões de Nampula para Maputo, da Beira para Maputo

e desembarcam no Aeroporto Internacional de Maputo. Depois são carregados em camiões-frigoríficos para a Suazilândia, para a África do Sul e para outros países. Que candonga é esta? Quem é candongueiro? Como é que isto entra nos nossos aviões? Como é que os produtos passam a fronteira?

O povo denunciou a APIE como um covil de bandidos. Tomaram-se algumas medidas. Não se deu continuidade. A quadrilha cresceu.

Ocupam-se as casas do Estado de graça. São destruídas. São transformadas em lojas de candongueiros, em casas de ladrões. Aprovámos leis para estes casos. Mas elas não são aplicadas.

Pessoas entram nas casas legalmente, deixam de pagar as rendas, ficam em situação ilegal, e não se age. Pessoas invadiram casas ilegalmente. E não se age.

A má utilização e até destruição das casas estão generalizadas por todo o País. E não se age. Quem é responsável?

Um trabalhador honesto, dedicado, tem os mesmos benefícios sociais que um candongueiro, um ladrão.

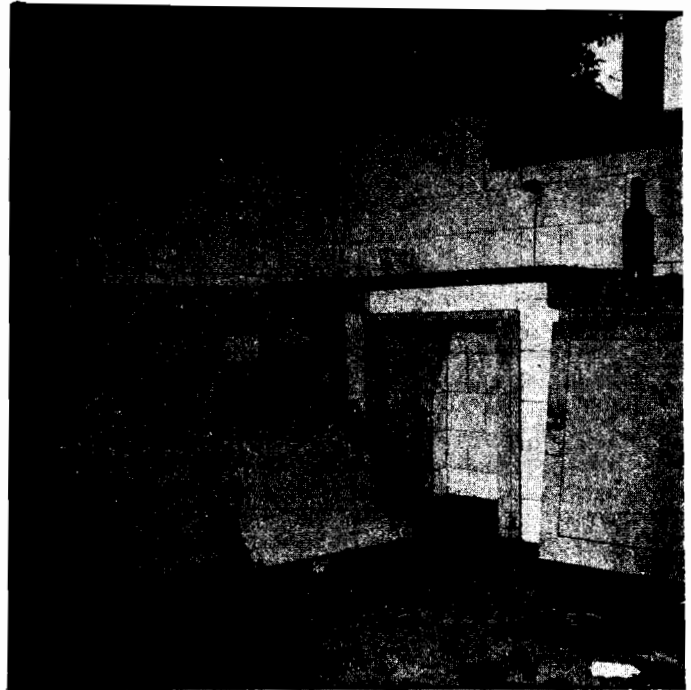
Um trabalhador apumado, disciplinado, pontual, recebe o mesmo vencimento que o faltoso, o indisciplinado, o desleixado.

Um trabalhador competente, experimentado, com muitos anos de profissão, recebe o mesmo que um incompetente que até é nomeado seu chefe.

Já não queremos capataz que controla o trabalho na fábrica, na machamba.

Já não temos inspectores para verificar a produção e quanto se produz.

Já não temos o porteiro que quando chega



«Ocupam-se as casas do Estado de graça. São destruídas. São transformadas em lojas dos candongueiros, em casas de ladrões. Aprovámos leis para estes casos. Mas elas não são aplicadas»



«Os delegados disseram que, no campo, o Governo manda produzir mas não escoa os produtos. (...) não distribui os instrumentos de produção»!

a hora fecha a porta e retira o livro de ponto. Já não há relógio de ponto onde se vai furar o cartão. Já não se controla a chegada ao trabalho. Cada um pode chegar quando quer, assinar o livro de ponto como se tivesse chegado a horas.

Até se chega ao cúmulo de se poder assinar com antecedência as presenças de vários dias. Falta-se uma semana e quando se regressa ao trabalho assina-se por toda a semana que se faltou.

Os delegados disseram que, no campo, o Governo manda produzir mas não escoa os produtos.

O Governo manda produzir, mas não distribui os instrumentos de produção.

Então o camponês pergunta: vou produzir para quê? Qual é a vantagem que eu tenho em produzir mais?

O camponês disse ao delegado: vai ao Congresso e diz: eu tenho milho, tenho feijão, tenho batata, tenho girassol, tenho mandioca, tenho batata-doce, tenho caju, tenho algodão, tenho gergelim, tenho mapira. Mas onde está a capulana, a linha, a agulha, o botão, a máquina de costura, o remendo da bicicleta, a câmara-de-ar, a pilha? Onde está a chaleira, a panela, o bule, a chávena, o prato, o púcaro, o copo, a colher, o garfo? Onde está a roupa, os sapatos, o brinco, a missanga, a pulseira, o pente, o espelho, o lenço de cabeça? Onde está o machado, a enxada, a catana, a charrua, a lima, o martelo? Onde está o saco de cimento, a chapa de zinco, o prego, a dobradiça?

Importam-se bicicletas. Mandam-se os quadros da bicicleta para uma província do Norte, os pneus para outra província no Centro e os remendos ficam a apodrecer no armazém central em Maputo.

Importamos candeeiros. Os vidros do candeeiro são mandados para Nampula e as armações para Niassa.

Produzimos sabão e Pó Vim. O sabão aparece nas lojas dos países vizinhos. O Pó Vim nas aldeias comunais.

Definimos os produtos de exportação.

O Governo decidiu que se devia aumentar a produção de chá, copra, castanha de caju, algodão, camarão, carvão, madeira.

Os delegados falaram destes produtos de exportação que tantas divisas valem. Mas disseram que estão acumulados nos portos, que apodrecem nos armazéns, que enchem e paralisam as fábricas.

Precisamos de divisas, mas o chá não sai do País. A madeira permanece nas florestas, nas serrações, ao lado da linha férrea, nos portos. É desviada para a candonga e falta na construção. Uma cama de madeira custa dezenas de contos. O algodão fica no campo à chuva ou enche armazéns. A castanha de caju não é escoada. O camarão é exportado em contrabando. O carvão fica amontoado ao lado das minas.

O mármore é extraído, mas fica nas pedreiras. São milhares as toneladas de copra à espera de serem exportadas.

Porque é que estes produtos não saem? Há infiltração no Comércio Externo, o inimigo concentrou lá a sua sabotagem. O Governo sabe e assiste passivamente.

A candonga está generalizada.

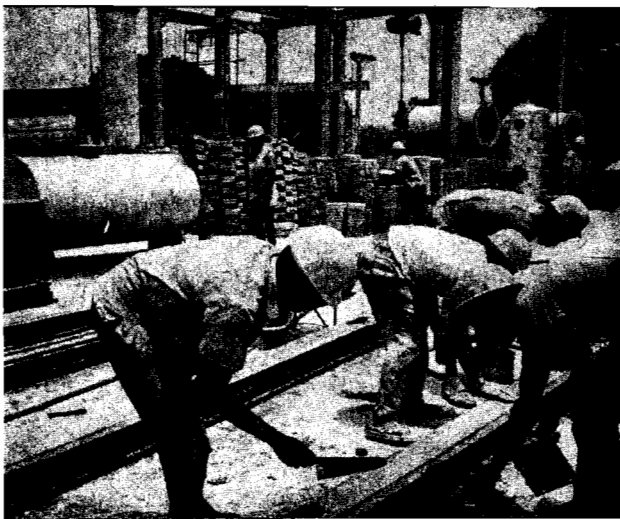
Os delegados disseram que ela começa nas estruturas do Aparelho de Estado, nos Ministérios, nas Direcções Nacionais, nos Serviços do Estado. Estende-se pelas empresas grossistas, pelas fábricas, pelas lojas, pelos mercados. Atinge as nossas próprias casas.

O responsável aceita comprar um quilo de peixe a 500 meticais. Como é que este responsável pode denunciar a candonga?

No abastecimento falta carne, o peixe, os ovos, o leite, o frango. Mas estes produtos existem na candonga. Há falta de açúcar, arroz, óleo, sabão na loja, mas há na candonga.



«O Governo decidiu que se devia aumentar a produção de chá, copra, castanha de caju, algodão, camarão, carvão, madeira. Os delegados falaram destes produtos de exportação que tantas divisas valem. Mas disseram que estão acumulados nos portos, que apodrecem nos armazéns, que enchem e paralisam as fábricas»



«É difícil comprar material de construção nas lojas. Mas ele existe na candonga»

É difícil comprar material de construção nas lojas. Mas ele existe na candonga.

Não se encontra a capulana, o cigarro, a cerveja na loja. Mas aparece na candonga.

O camião sai da fábrica com o produto, mas não chega ao seu destino.

O vagão é carregado no porto. Chega vazio ao armazém.

O maquinista pára o comboio na linha para abastecer os candongueiros.

Infiltrados nos caminhos de ferro organizam o descarrilamento de comboios que transportam milho e açúcar, para os entregarem a ladrões, cúmplices da mesma quadrilha.

Estes criminosos chegam ao ponto de desviar donativos da solidariedade, produto do sacrifício de outros povos.

GOVERNO NÃO EXERCE PODER ESTADO É SUDÁRIO DA INDISCIPLINA NECESSIDADES DO POVO NÃO SÃO SATISFEITAS

O Governo tem conhecimento destes crimes. Mas eles ficam impunes. Que Governo é este?

- Que não controla;
- Que não pune;
- Que não aplica as suas próprias leis;
- Que fica impassível, a ver desfilar os ladrões, a bandeira dos malfeteiros, os malfeteiros, os assaltantes à mão armada, os violadores de mulheres, os especuladores, os açambarcadores, os candongueiros.

Porque é que isto acontece?

Temos ministros, temos governadores, temos vice-ministros, secretários de Estado, directores nacionais, directores provinciais, temos administradores distritais, temos o Exército. O que é que falta para se exercer o poder?

Ministros já não punem os directores nacionais porque são amigos. Os directores nacionais não punem os chefes de serviço porque são amigos, porque ficaram muito tempo no mesmo Ministério. Como é que as empresas e as fábricas não hão-de seguir estes exemplos?

Os responsáveis estatais ficaram nos gabinetes, instalaram-se no conforto. Dirigem por notas, por ofícios, por despachos, por circulares.

Definiu-se que o Distrito é a base territorial para a planificação da economia. Mas os dirigentes do Estado aceitam que os técnicos fiquem nos gabinetes a traçar os planos do Distrito, da empresa, da cooperativa.

Por isso os planos que são feitos, são muito bonitos, mas ninguém cumpre.

O Governo considerou o País como se fosse um território uniforme. Não considerou a grande diversidade, as diferenças sócio-culturais, as diferenças climáticas de cada província, de cada região do nosso País. Trata Cabo Delgado do mesmo modo como se fosse Inhambane. Trata



«O Governo considerou o País como se fosse um território uniforme. Não considerou a sua grande diversidade, as diferenças sócio-culturais, as diferenças climáticas de cada província, de cada região do nosso País»

de Niassa do mesmo modo que Maputo. Trata Manica do mesmo modo que Nampula. Trata Tete como trata da Zambézia.

O Governo não conhece o País.

Ficaram nos gabinetes, fecharam-se em quatro paredes, rodearam-se de secretários, contínuos, dactilógrafos, estafetas, funcionários de relações públicas e já não ouvem a voz do Povo. Tornaram-se surdos ao apelo do Povo.

Perderam a sensibilidade popular.

Por isso o Governo não controla directamente as fábricas que produzem produtos importantíssimos para a vida do Povo.

Por isso não são colocados os homens nos lugares certos. Subestimaram-se os distritos, não foram enviados quadros para lá. Ir para o distrito é ser pequeno.

Subestimou-se a fábrica de cimentos.

Não se mandou o economista para a empresa de 500 hectares, mandou-se o analfabeto.

Iniciámos a realização dos grandes projectos e não foi mandado para lá nenhum moçambicano. Foi entregue apenas aos estrangeiros. E quando os estrangeiros saírem?

Todos querem ficar nas cidades. Não querem sair de Maputo, não querem sair das capitais provinciais. Não são colocados quadros capazes na Texlom, na fábrica de painéis de alumínio, na fábrica de bicicletas. Não controlamos as fábricas de sapatos.

Precisamos de tijolos, precisamos de casas, as fábricas não são dirigidas, a fábrica de chapas de zinco, a fábrica de lusalite não são dirigidas.

Não controlamos a extracção e a fábrica de mármore. Não mandamos engenheiros para controlar a produção nas minas de Moatize.

Não dirigimos a Saborel, fábrica de sabão, não controlamos a Investro, não controlamos a Soberana, não controlamos a Maquinag que produz atrelados, mobiliário e equipamento hospitalar. Não dirigimos as fábricas de mobílias.

Falamos de Matama, falamos de Ngúri, falamos de Chipembe, mas não colocamos lá ninguém. Os moçambicanos ficam nas cidades e nos gabinetes.

Os deputados disseram:



O Estado não apoia os camponeses. Hostiliza o camponês e o privado, em vez de os ganhar.

Tira as machambas ao camponês, mas foi o camponês que libertou o País.

A indisciplina e os desvios da política comecem no próprio Estado. Em resumo: a acção dos malfetores, a corrupção, o roubo, a indisciplina, a ociosidade, a semiprostituição, tudo isto destrói a cultura, destrói a ética, destrói a moral, destrói os valores. Deixa de haver pontos de referência na família. Deixa de haver pontos de referência na sociedade.

Que Estado é este? Que sociedade é esta?

O nosso Estado transformou-se num Estado sudário de indisciplina, de imoralidade, de compadrio, de roubo, de apatia, de passividade, de burocracia.

Toleramos a podridão e ela alastra-se na sociedade.

Um país em que não há pontualidade, em que não há disciplina, desde o lar à fábrica, torna-se País sem valores. Se tolerarmos isto, será o apodrecimento das raízes da sociedade.

São os tecnocratas, os exploradores, são os preguiçosos e os parasitas infiltrados nos Ministérios, nas Direcções, nos Serviços, que lançam a ideia de que o socialismo é uma Sociedade de caridade, de piedade, uma gigantesca instituição de misericórdia. São os esquerdistas e os inimigos do socialismo que lançam a imagem de que o estado socialista é um estado de desresponsabilização, um estado de igualitarismo absoluto, onde todos são tratados do mesmo modo. São os esquerdistas, os oportunistas, que criam

condições para o ladrão viver à custa do Estado, o candongueiro viver à custa do Estado, do mesmo modo que aqueles que ganham a vida através de trabalho honesto.

São estes esquerdistas, anarquistas, oportunistas, que não querem critérios que dignifiquem a sociedade. É por isso que o trabalhador



«Não controlamos a extracção e a fábrica de mármore. Não mandamos engenheiros para controlar as minas de Moatize»

dedicado, assíduo, estudioso não é encorajado e premiado pelo seu exemplo.

Porquê esta situação?

Tudo isto resulta do não exercício do poder. Falámos nisto no comício de Chibuto.

Não há escalonamento no poder.

Os Ministros pensam que são todos independentes. Ninguém controla. Ninguém presta contas.

AMBICIOSOS ASSALTARAM APARELHO DE ESTADO FOMENTAM RACISMO E TRIBALISMO

Como ninguém controla ninguém, então o Governo, o Estado, transformou-se num campo livre para a acção do nosso inimigo de classe.

O Congresso analisou profundamente as raízes da situação.

Os ambiciosos têm campo. Utilizam o triba-

lismo, o localismo, o regionalismo; utilizam o racismo; utilizam o boato, a intriga, a má-língua, o rumor; utilizam todos os meios para lançarem a confusão. Querem com isto manter os seus postos, para subirem na hierarquia.

Assaltaram o Aparelho de Estado e agora vários deles ocupam postos importantes. Fazem apreciações e avaliações na base de valores tribais, regionais e raciais.

Porque é que isto acontece? Tudo isto está ligado com a ambição.

Qual é a tática do ambicioso?

O ambicioso procura obter apoio. Mobiliza os incapazes, os incompetentes, os descontentes, apresentando-se como o defensor duma tribo, duma região, duma raça. É nessa base que faz agitação. As suas armas são o boato, a intriga, a calúnia, as promessas, a demagogia.

O ambicioso procura a sua promoção pessoal. Para isso, procura destruir todas as pessoas sem considerar obstáculos. Para ele, as fraquezas de alguém são a sua força.

Quando utiliza o racismo, não é para promover a sua raça. É para se promover a si mesmo. Quando utiliza o tribalismo, não é para promover a sua tribo. É para se promover a si mesmo. Quando utiliza o regionalismo, não é para beneficiar uma região. É para se beneficiar a si mesmo.

No tempo colonial, o que nos identificava era todos sermos colonizados. O que nos une hoje é todos sermos moçambicanos. Não somos macuas, ajauas, chuabos, macondes, changanas, chopes. Não somos pretos, mulatos, brancos, indianos. Somos moçambicanos, cidadãos da mesma Pátria. É esta a civilização que construímos: a igualdade dos homens.

Mas alguns não aceitam esta igualdade. Estão descontentes com a igualdade.

Alguns, que eram assimilados, não aceitam que o seu filho estude na mesma escola em que estuda o filho do camponês analfabeto.

Alguns, que são duma tribo a que uma outra historicamente prestava vassalagem, não aceitam que uma pessoa dessa outra tribo seja o seu chefe, o seu colega de trabalho.

Alguns, que são instruídos, não aceitam que o analfabeto tenha acesso ao mesmo hospital, à mesma quota de abastecimento, tenha o mesmo direito democrático de se pronunciar sobre os problemas do local de trabalho, sobre a vida do País.

O nosso País foi colonizado por brancos europeus. Ser branco era ser privilegiado, no tempo colonial. Branco era autoridade, era poder. É essa a origem do racismo no nosso País. É essa a fonte dos complexos.

O ambicioso procura explorar esta circunstância.

Este País tem pretos, indianos, brancos e mulatos. Mas aos mulatos eu costumo chamar pretos. Alguns vão reclamar, mas não interessa. Eu digo aqui que não há mulatos, há pretos. Vamos ultrapassar os complexos de brancos e

de pretos. Geralmente, são alguns assimilados, alguns pretos instruídos, alguns mulatos que agitam o racismo antibranco. Porque devido ao sistema colonial os brancos tiveram privilégios e puderam obter maiores habilitações acadêmicas, esses ambiciosos consideram-nos obstáculos à sua promoção pessoal.

O ambicioso branco cultiva o elitismo. Porque teve maiores oportunidades de instrução, quer fazer valer essa circunstância, apresenta-se como o que sabe mais, o indispensável. Quer impor as suas ideias, as suas opiniões, recusa-se a aprender.

É racismo atribuir defeitos a uma raça.

É racismo atribuir virtudes a uma raça.

É racismo o branco considerar que alguém cometeu um erro porque é preto.

MINISTÉRIOS DA DEFESA, SEGURANÇA, JUSTIÇA E INTERIOR NÃO FUNCIONAM

Compatriotas,

Há certas coisas que negligenciámos e que o Congresso nos mostrou.

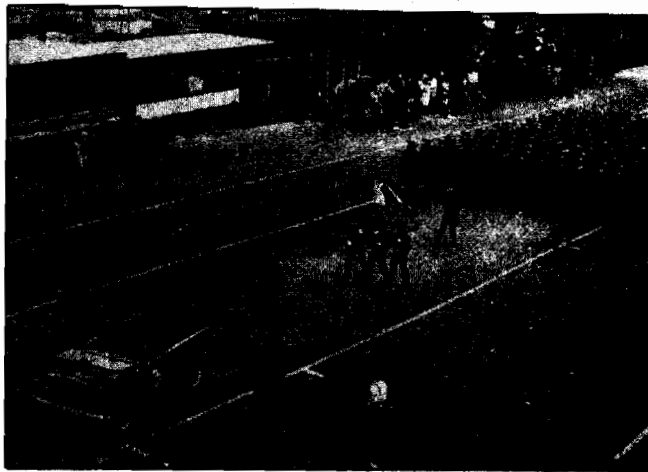
Em primeiro lugar, os instrumentos do poder, os instrumentos de soberania. Sem resolver os problemas dos instrumentos de soberania não resolvemos nada. Cada Ministério será um centro de poder. Negligenciámos os instrumentos de soberania. Quando há brechas nos instrumentos de soberania, essas brechas alastram-se por todos os Ministérios, por todo o Estado.

Quais são estes instrumentos de soberania? São o Ministério da Defesa Nacional, o Ministério do Interior, o Ministério da Segurança, o Ministério da Justiça. Estes Ministérios não funcionam e em qualquer parte do Mundo são esses quatro Ministérios que mantêm a disciplina. Negligenciámos um pouco.

Falamos sempre das zonas libertadas. O



«Falamos sempre das Zonas Libertadas. O exército produzia. O exército cumpria a palavra de ordem: «estudar, combater, produzir»



«As Forças Armadas são o ponto mais alto da unidade nacional. Lá matámos o tribalismo, o regionalismo, o racismo»

exército produzia. O exército cumpria a palavra de ordem de «estudar, combater, produzir». Durante a luta de libertação, nenhuma destas tarefas foi subestimada pelas Forças Populares.

Conquistámos a independência. Nacionalizámos a terra, a saúde, a educação, a advocacia, os prédios de rendimento. Foi o Exército que assegurou estas conquistas. É o Exército que defende o Estado, a soberania, a integridade territorial, a independência do País. É o Exército que impulsiona o desenvolvimento técnico-científico.

Quando a integridade territorial é violada, não há paz, não há tranquilidade, não há produção, não há desenvolvimento.

As Forças Armadas são o ponto mais alto da unidade nacional. Lá matámos o tribalismo, o regionalismo, o racismo.

As Forças Armadas forjam a consciência patriótica, o patriotismo.

As Forças Armadas são a principal fonte para a criação da disciplina, para o aprumo dos cidadãos, para a valorização da moral, da ética, do civismo.

Assumimos isto durante a luta armada de libertação nacional. Mas agora negligenciamos este instrumento fundamental de soberania.

O resultado disto é a ausência do poder.

Temos o Ministério do Interior. É ele que garante a lei e a ordem na sociedade. É ele que reprime os violadores da lei e da ordem na sociedade. É ele que pune os malfetores.

Mas quando no seio da Polícia há ladrões, prostitutas, marginais, traficantes, quando no seio da Polícia há convivência com candongueiros, com especuladores, com açambarcadores, então o Ministério do Interior não exerce a sua função.

Por isso, os delegados disseram no Congresso que o Ministério do Interior está passivo, parece que não vê que «um par de sapatos custa uma dormida».

Onde está a moral, a ética?

Há afluxo descontrolado às cidades e nin-

guém toma medidas. Já ninguém justifica as suas viagens, deslocações pelo País.

Quando o polícia se alia ao marginal, ao traficante, ao candongueiro, quando a polícia defende as prostitutas, quando a polícia defende os da sua tribo, da sua raça, da sua região, então ele torna-se um agente de repressão contra o Povo. Ele torna-se um aliado dos violadores da lei e da ordem.

O Ministério da Segurança defende o Povo e seu Estado contra as acções da reacção e do inimigo de classe.

A Segurança são os olhos e os ouvidos do nosso Povo. A Segurança são os nervos sensíveis que detectam qualquer ataque ou infiltração contra o Povo, contra o Estado popular.

Quando a Segurança é composta por um grupo de amigos unidos pela raça, pela corrupção, pela prepotência, pela ambição, pelos privilégios, pela tribo, pela região, então os nossos olhos ficam cegos, os nossos ouvidos tornam-se surdos, os nossos nervos ficam insensíveis.

Ficamos incapazes de controlar a aplicação de medidas para purificar as nossas fileiras, para



«O Ministério da Justiça, através da lei e da defesa da lei, através da acção punitiva e exemplar dos Tribunais, garante a solidez do tecido ético, garante a moral na sociedade»

defender, a nossa economia, a produção, a nossa tranquilidade, para defender o nosso poder. Ficamos permeáveis à infiltração, à sabotagem, à corrupção.

O Ministério da Justiça, através da lei e da defesa da lei, através da acção punitiva e exemplar dos Tribunais, garante a solidez do tecido ético, garante a moral na sociedade.

São os tribunais que indicam qual a pena a aplicar aos violadores da lei.

A sua acção educa os cidadãos, reprime o crime.

Quando o não faz, está a destruir a consciência moral e a impedir a defesa da sociedade.

Os outros Ministérios, indicam qual a pena a aplicar aos violadores da lei e da ordem e entregam-nos ao Ministério da Justiça.

Temos leis que os Tribunais devem aplicar para punir. Mas não são aplicadas. Os delegados ao IV Congresso sublinharam com força este aspecto.

Aprovámos a lei da chicotada. Vocês apoia-

ram. Mas quem vai aplicar essa lei? — perguntaram os delegados.

Porque é que puseram esta questão? Porque é que as cadeias estão cheias de criminosos e não são julgados? Se estes quatro Ministérios não realizam a sua tarefa, todos os outros Ministérios não produzem ordeiramente, não cumprem o plano, não escoam os produtos, não garantem a disciplina na escola, não garantem o atendimento correcto dos cidadãos, não respeitam a propriedade social individual.

Quando estes quatro Ministérios realizam correctamente as suas tarefas: inspiram confiança e estabilidade no cidadão, há tranquilidade na sociedade, há moral, há respeito, há disciplina.

Quando estes quatro Ministérios funcionam correctamente: a independência reforça-se, a soberania é garantida, as nossas fronteiras são asseguradas, a unidade nacional é fortalecida.

Temos ainda o Ministério dos Negócios Estrangeiros, que é um instrumento de soberania fundamental no plano externo. É ele que representa o País, difunde a imagem do nosso País, defende as nossas posições no seio da comunidade internacional.

Mas no plano interno, ele também tem tarefa. É ele que orienta a vida dos estrangeiros no nosso País — diplomatas, cooperantes, residentes. Para que eles respeitem a nossa sociedade, a nossa cultura, a nossa maneira de ser e de viver, para que igualmente sejam por nós respeitados e estimados.

Os delegados ao Congresso puseram estas questões de uma maneira clara e precisa. Vocês ficaram muito satisfeitos, mas estão à espera das medidas a tomar.

Temos que tomar medidas para responder a estas questões.

Foi isto que os delegados disseram no Congresso.

São coisas que o povo conhece.

São os nossos problemas.

«MEXER» OS MINISTÉRIOS

O Bureau Político reuniu-se em 1 de Abril, antes do Congresso. Discutimos tudo isto.

Falámos seriamente com o Ministro Chispande, falámos seriamente com o Chefe do Estado-Maior, Sebastião Mabote.

Falámos seriamente com estes camaradas.

Dissemos-lhes que é preciso tornar o Ministério do Interior catana, machado e buldozer. Mas quisemos ouvir as opiniões do Congresso, se estávamos errados ou não, para depois agirmos. E assim nomeámos Armando Guebuza para o Ministério do Interior. Decidiu-se nomear Mariano Matsinhe para Ministro do SNASP. Decidimos que temos que controlar os tribunais populares, porque nós é que os criámos, porque os tribunais populares nasceram do cano das nossas armas e, por isso, não podemos permitir

que amoleçam essas estruturas. Nomeámos Oscar Monteiro para Ministro da Justiça.

São estes os primeiros Ministérios. Os outros anunciaremos a partir da segunda-feira.

Temos que «mexer» desde o Ministro, o Director Nacional, o Director Provincial e o Governador até lá abaixo, para liquidar os bandidos armados e, para liquidar a fome.

São estes os Ministérios que serão reforçados pelos veteranos da Luta de Libertação Nacional. É preciso impor a disciplina na nossa sociedade do Rovuma ao Maputo. O governo não pode aparecer misturado com coisas sujas, com coisas porcas.

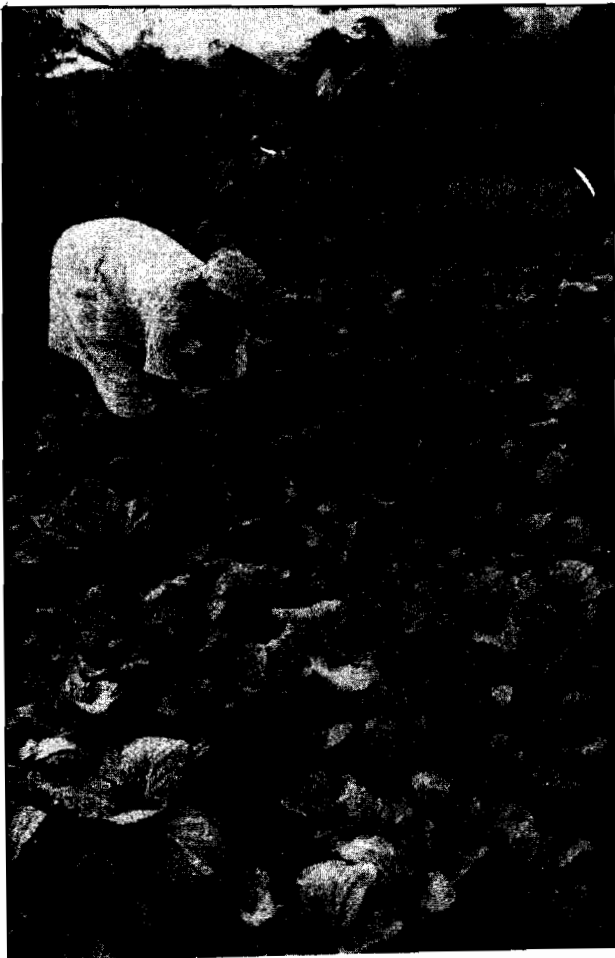
Nos Ministérios do sector económico iremos «mexer» no Ministério da Agricultura. E por quê?

O Congresso pôs ênfase em importantes pontos deste Ministério: Empresas Agrícolas Estatais; Complexos Agro-Industriais; Movimento Cooperativo, com as aldeias comunais a entrar no Ministério da Agricultura, para a socialização e cooperativização do campo; apoio aos privados; e apoio do Estado ao sector familiar, com charruas e todos os meios para produzir comida.

É necessário apoiar todos estes sectores para matar a fome.

Outro aspecto no Ministério da Agricultura tem de existir um director que responda pela produção dos cereais (arroz, trigo, milho, mapira e mexoeira). Tem de haver quem responda pela produção de vegetais e legumes.

O Estado vai apoiar os privados e o sector familiar, com charruas e todos os meios para produzir comida



«Tem de haver no Ministério da Agricultura um responsável pela produção de carne de galinha e de ovos»

Tem de haver no Ministério da Agricultura, um responsável pela produção da carne de galinha e de ovos.

Tem de haver um responsável pela produção de carne de bovino, de porco, de ovelha e de cabrito. E tem de haver um responsável pelo chá, pelo caju, pelo algodão e pela copra. Tem de haver quem ficará responsável pela floresta e pela madeira.

Os nossos animais não são conhecidos neste País. Os búfalos, os leões, os elefantes, as gazelas e as zebras não têm controlo. Tem de haver um responsável. Por isso o Ministério da Agricultura será o primeiro a ser mexido.

O segundo Ministério a ser mexido será o Ministério da Indústria e Energia.

Este Ministério tem à sua responsabilidade a energia, a indústria ligeira, as fábricas e as minas. Este Ministério tem de ser dividido e tem de haver responsabilização.

Nem temos planos de produção de panelas, de pratos, de chávenas e de copos no nosso País. Tudo aquilo, de que necessitamos diariamente em casa não tem plano.

O terceiro Ministério será o do Comércio Externo. Podemos produzir, quando não vendemos? O quarto Ministério será o dos Transportes, Caminhos de Ferro, Portos e Navios. Vamos criar um sector só para a camionagem. Este sector vai ocupar-se só das viaturas e das estradas.

Temos o Ministério das Obras Públicas, que se encarrega de planificar e de construir e não da manutenção das casas e da venda das casas, o que não é sua missão. Para este trabalho, vamos criar uma estrutura em cada província. O pagamento das casas, a partir deste mês, será descontado no vencimento. Acabou-se a bicha. Agora até vamos descobrir os preguiçosos, os que não trabalham.

DISCIPLINAR O TRABALHO COMBATER A MARGINALIDADE

Vamos introduzir o cartão.

O atraso vai-se reflectir no vencimento. É descontado. A falta vai-se reflectir no vencimento, com o respectivo desconto.

É o primeiro movimento, que vamos fazer este mês.

Milícias, Polícia, Grupos Dinamizadores, Exército e outros vão «pentear» a Cidade de Maputo, vão passar a pente fino, casa por casa, prédio por prédio, departamento por departamento.

Não há condescendência com bandidos que destroem a economia e o Estado. Vão pagar ou vão ser presos, mas serão obrigados a um trabalho forçado (eu não tenho vergonha de dizer isso). E que tipo de trabalho forçado? Produtivo. Todos eles irão à machamba, porque andaram a ocupar as casas sem as pagar. Serão postos na rua, julgados, condenados e encaminhados, com enxada e picareta, guardados pela Polícia, para trabalhar durante as horas necessárias para pagar o tempo que viveram nas casas sem pagar.

Outra missão imediata: o Exército, a Polícia e a Segurança irão fazer o recenseamento. Só tem direito a viver em Maputo, na Beira ou em qualquer cidade do país aqueles que trabalham. O resto será encaminhado para os distritos para trabalhar. Aqueles que estão em Maputo, irão habitar, por exemplo, os distritos de Matutuíne, Namaacha, Moamba, Manhiça, Marracuene e Magude. Os de Gaza, irão para os seus distritos. Os de Inhambane regressarão para Inhambane, etc. A comida há-de chegar para aqueles que viverem aqui. E eles vão produzir. E aquilo que vocês produzirem — enxadas e catanas — mandam para eles. Vão para lá para construir cidades no campo. Esta tarefa fica para os Ministérios do Interior, da Defesa e da Segurança.

O Ministério da Justiça deverá julgar rapidamente todos eles. Embora julgados e condenados, deverão também ir produzir. Não ficam nas celas, vão produzir todos.

Segunda acção. Dissemos que a indisciplina começa no Aparelho de Estado. O motorista do Secretário do Presidente vai para o campo. O meu Secretário tem dois braços; vai conduzir o seu carro. Haverá motoristas até aos directores de certos sectores estratégicos. Quanto ao resto, chefe de serviço ou chefe do gabinete, os seus motoristas vão para o campo, vão à produção.

Os que atropelam e matam serão julgados, condenados e punidos e ficarão sem carta. Nunca mais conduzirão. Aqueles que fazem acidentes e destroem carros, serão julgados, condenados e serão postos num trabalho produtivo, para pagar a destruição.

Motorista negligente, bêbado ou alcoólico não pode ser motorista. Põe a vida dos cidadãos em perigo. Vai para o campo, para a machamba produzir, volta para o seu distrito. Vamos limpar a cidade.

Quando falo de motoristas é porque queremos reduzir o número de funcionários no Aparelho de Estado. São muitos, os funcionários que não produzem nada: em primeiro lugar, os incompetentes, incapazes, negligentes preguiçosos, faltosos, indisciplinados, alcoólicos e malandros.

Depois, vamos organizar as nossas escolas como escolas de um País socialista!





«Temos que tomar medidas para responder a estas questões.
Foi isto que os delegados disseram ao Congresso.
São coisas que o Povo conhece.
São os nossos problemas.